



ISSN: 2230-9926

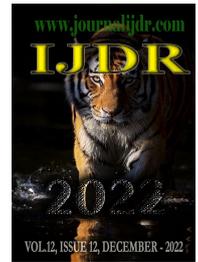
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 12, pp. 60750-60753, December, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25933.12.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

REFLEXÕES SOBRE A LIPOFOBIA: O DISCIPLINAMENTO DO CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE

*¹Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi and ²Tânia Maria Gomes da Silva

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Avenida Guedner, 1610. Jardim Aclimação, Maringá, Paraná, Brasil; ²Prof.(a) Dr.(a). Programa de Pós Graduação Strictu sensu em Promoção da saúde do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Avenida Guedner, 1610. Jardim Aclimação, Maringá, Paraná, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 22nd September, 2022

Received in revised form

17th October, 2022

Accepted 10th November, 2022

Published online 25th December, 2022

KeyWords:

Beleza, Estética, Lipofobia, Padrão.

*Corresponding author:

Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi

ABSTRACT

Desde há pelo menos seis décadas ser magra é o padrão normativo imposto às mulheres, desconsiderando especificidades biotípicas. Conquanto não se negue que a obesidade cause sérios agravos à saúde, admite-se que a desvalorização dos corpos gordos pode comprometer a autoestima e também causar adoecimentos a muitas mulheres. Este artigo problematiza o disciplinamento do corpo feminino na contemporaneidade. Foi realizado um estudo crítico-reflexivo da literatura, por meio da busca de livros e artigos nacionais e internacionais disponibilizados nas principais bases de dados científicos das áreas de saúde e humanidades, tais como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Web of Science, PubMed e Lilacs. Identificou-se que a lipofobia é uma característica dos tempos atuais e que as mulheres são as maiores vítimas da cultura impositiva do corpo magro.

Copyright©2022, Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi and Tânia Maria Gomes da Silva. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi and Tânia Maria Gomes da Silva, 2022. "Reflexões sobre a lipofobia: o disciplinamento do corpo feminino na contemporaneidade", *International Journal of Development Research*, 12, (12), 60750-60753.

INTRODUCTION

A representação do que seja um corpo ideal é um processo profundamente histórico. Cada época estabelece um padrão específico de beleza corporal. Na sociedade ocidental contemporânea, por exemplo, o ideal normativo é a magreza; especialmente quando se trata das mulheres, mas nem sempre foi assim. Uma análise de fontes iconográficas evidencia variações corporais ao longo de diferentes temporalidades e culturas, deixando ver que, em certos momentos da história, ser gordo/a era uma condição distintiva, símbolo de status e prosperidade (DOURADO *et al.*, 2018; MOULIN, 2008). Gordura e poder já estiveram muito associados, sendo comum que a representação imagética do burguês fosse um homem gordo. No caso das mulheres, a gordura costumava ser vista como um sinal de fertilidade e, no caso das crianças, invariavelmente, de saúde (MARCELJA, 2016). Todavia, o estigma em relação à gordura é próprio, especialmente, das sociedades modernas, com as pessoas vivendo muitos conflitos relacionados aos seus corpos (VIANNA, 2018). Para Brown, Flint e Batterham (2022), a mídia, as políticas de saúde e de educação, propagam um ideal de beleza associado exclusivamente ao corpo magro.

As pessoas que não se enquadram neste padrão se sentem, quase sempre, deslocadas, o que é bastante cruel e contribui para muitos conflitos internos. Uma pessoa é considerada obesa quando apresenta um Índice de Massa Corporal (IMC) entre 30 kg/m² a 39,9 Kg/m². Quando o IMC está acima de 40,0 Kg/m² a classificação é obesidade grau III, considerada severa (SAMPAIO, 2012; WHO, 2000). Neste último caso, uma das recomendações tem sido a cirurgia bariátrica (BRAGA *et al.*, 2021), por tratar-se de uma situação que, além dos riscos à saúde, compromete muito a qualidade de vida (MELO, 2021). Não se trata de desconsiderar os riscos do excesso de gordura corporal. A obesidade é reconhecidamente uma doença crônica com altos riscos de comorbidades e morbidades (ARAUJO *et al.*, 2019; WHO, 2021). Entre 1975 e 2016 a obesidade quase triplicou no mundo. Em 2016, havia mais de 1,9 bilhão de pessoas com 18 anos ou mais acima do peso; destas, 650 milhões eram obesas. Ao todo, cerca de 13% da população mundial apresentavam obesidade; 11% dos homens e 15% das mulheres (WHO, 2021). Neste artigo, o que se questiona é a imposição de um modelo de beleza associada exclusivamente ao corpo magro, fazendo com que as pessoas busquem emagrecer de modo pouco saudável. Ao invés da adoção de atividades físicas regulares, alimentação equilibrada, restrição ao uso de álcool, por exemplo, adotam comportamentos prejudiciais à saúde,

como a automedicação e as dietas calóricas restritivas. Atualmente, a batalha contra a balança é cada vez mais imperativa. É verdade que nem sempre o desejo de emagrecimento se dá apenas por uma ordem estética, mas resultado de um desejo sensato de conquistar saúde (LÔBO *et al.*, 2020; OLIVEIRA; MACHADO, 2021). Isto não invalida a tese de que o corpo magro é o parâmetro de beleza (MARCHESINI; ANTUNES, 2017), fazendo com que as pessoas fora deste padrão sejam vítimas de preconceitos de toda ordem. Este estigma social é profundamente comprometedor das condições emocionais e, quase sempre, leva as pessoas ao adoecimento (LÔBO *et al.*, 2020). Frente ao exposto, o presente artigo objetiva discutir o disciplinamento do corpo feminino na contemporaneidade, enfatizando que definir o corpo magro como sendo o ideal de beleza é uma forma de violência simbólica contra as mulheres.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo crítico-reflexivo da literatura, realizado por meio da busca de livros e artigos nacionais e internacionais disponibilizados nas principais bases de dados científicos das áreas de saúde e humanidades, tais como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Web of Science, PubMed e Lilacs, utilizado-se os descritores beleza, estética, lipofobia, padrão. Quanto aos critérios de elegibilidade, foram selecionados artigos em língua portuguesa, inglesa ou espanhola que discutem especificamente lipofobia e padrões estéticos relacionados ao corpo gordo e magro. Foram excluídos artigos que não tivessem relação direta com o tema ou publicados em outro idioma que não os mencionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Representações do “ser gordo”: Não coube apenas à atualidade denunciar os malefícios da obesidade à saúde. No século V a.C., Hipócrates, considerado o pai da medicina, já fazia uma associação entre obesidade e doença e aconselhava disciplina e força de vontade como tratamento para a obesidade, conquanto ainda não como a considerasse uma doença (BRAY, 1990; SILVA; DIONISIO, 2019). Ademais, o número de obesos não era grande o suficiente para causar preocupações, visto que poucas pessoas tinham fartura de alimentos e recursos econômicos que lhes permitissem deixar de realizar trabalhos que despendessem energia (SEIXAS; BIRMAN, 2012). No período medieval, a dualidade corpo-alma sustentava os debates religiosos e filosóficos e embora não se fizesse exatamente uma apologia da gordura e a glotonaria fosse tida como pecado, ser gordo num mundo assolado por pestes e fomes era, de certa forma, um sinal distintivo da graça divina (LE GOFF, TRUONG, 2006; LE GOFF, 1985). Foi apenas com a modernidade ocidental que se promoveu uma re-significação do corpo e se consolidou um modelo normativo de beleza em que “[...] o padrão magro, branco e de classe média se sobrepõe aos corpos roliços, pretos e pobres” (DOURADO *et al.*, 2018).

Foucault (2016) denominou biopolítica a racionalização dos diferentes aspectos da vida. Com o uso de técnicas estatísticas, os governantes, com amplo apoio da medicina, buscaram controlar formas de moradias, alimentação, natalidade, higiene e de saúde, interferindo, especialmente, no cotidiano dos mais pobres. Não se tratava mais de controlar pessoas, mas populações. A partir do século XVII foi se construindo uma noção moderna de corpo até que se chegasse ao século XX com a compleição física sendo um dos principais objetos de disciplinamento. Ainda que, nos anos 1950, mulheres como Marilyn Monroe e Sophia Loren fizessem sucesso com seus corpos de formas fartas, já na década seguinte seriam substituídas por modelos e atrizes cada vez mais esqueléticas, como a modelo inglesa Twiggy (LIPOVETSKY, 2000). Assim, vemos que a segregação dos loucos, denunciada por Foucault, assistimos na atualidade à segregação dos gordos/as. A corporeidade, entendida como sendo a experiência de cada pessoa com o seu corpo, é profundamente íntima, subjetiva, resultado das experiências de vida

dos sujeitos e, segundo Paim e Strey (2004), constitui uma das principais formas de identificação do “eu”, substituindo antigos modos de pertencimento que situavam os sujeitos no mundo, a exemplo da família, religião, da profissão e do pertencimento político. Conquanto a sociedade contemporânea até pareça marcada pela autonomia, a verdade é que os padrões estéticos atuais são profundamente disciplinadores, influenciados pelos dispositivos de gênero que atingem especialmente as mulheres. Seguindo Foucault (2016) entendemos com dispositivo de gênero todos os discursos, leis, enunciados científicos, enunciados filosóficos e morais que regulamentam a vida. Tais dispositivos de gênero definem padrões de masculinidade e feminilidade, associado o feminino à beleza e a padrões estéticos rígidos (GEBARA; POLLI; ANTUNES, 2022), em que o corpo magro é tido como “perfeito”. Todavia, esta é uma proposta inalcançável para a maioria das mulheres, sendo comum que algumas recorram a lipoaspiração, lipoescultura, abdominoplastia e outras técnicas modeladoras. Até mesmo medidas mais extremas, como a cirurgia bariátrica, a princípio destinada apenas aos casos de obesidade mórbida, são buscadas por pessoas insatisfeitas com seus corpos; embora o procedimento exija a avaliação de uma equipe multidisciplinar (MEDEIRO; FRANÇA; MENEZES, 2021).

Os resultados de dietas nem sempre são satisfatórios, porque uma característica da contemporaneidade é a urgência, e o emagrecimento exige persistência e disciplina. Alimentação equilibrada e a prática de exercícios físicos até são práticas adotadas por algumas pessoas, mas de forma ocasional, oscilando “[...] entre ativismo e inatividade, restrição e excesso, mobilização e desinteresse, controle e relaxamento” (LIPOVETSKY, 2000, p. 147). No entanto, o autor demonstra certa dose de otimismo com relação a este culto ao corpo, porque acredita que, mesmo seduzidas pela cultura da magreza e, quase sempre, insatisfeitas com seus corpos, as mulheres mantêm a autoconfiança e acima de tudo o que realmente desejam é o sucesso profissional e a autonomia financeira. Evidentemente não se nega que mudanças significativas no mundo das mulheres as têm levado a buscar muito mais do que satisfação estética. Contudo, o número e a variedade de formas de tratamento para a perda de peso, inclusive invasivos, não podem ser desconsiderados, inclusive com consequências desastrosas. Transtornos alimentares, a exemplo de bulimia e anorexia, têm aumentado nas sociedades ocidentais, com maior incidência entre adolescentes do sexo feminino; numa proporção de três mulheres para cada homem, com a magreza sendo identificada pelos discursos midiáticos com competência, atratividade sexual e status, em todas as camadas sociais (COPETTI; QUIROGA, 2018). A lipofobia é a marca de nosso tempo, mas não apenas por imperativos estéticos, mas também por uma obsessão com a saúde que, paradoxalmente, nem sempre conduz a bons resultados. A obsessão pela saúde na sociedade contemporânea recebe a denominação de higiomania; sendo profundamente influenciada pelos discursos midiáticos que associam saúde ao culto ao corpo (MARCUSOZZO; PICH; DITTRICH, 2012; SEIXAS; BIRMAN, 2012). Assim, se “o corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde” (MOULIN, 2008, p. 19), então ser gordo é um sinal de irresponsabilidade com a saúde (VIGARELLO; PENCHEL, 2012); gerando múltiplas formas de condenação e estigmas.

A imposição do corpo magro como o padrão único de beleza, alardeada especialmente pela mídia, anula as características biotípicas individuais, exaltando corpos quase impossíveis de serem atingidos pela maioria das pessoas (MACHADO; LUZ, 2017; SUDO; LUZ, 2007). A supervalorização do corpo magro é causa de preconceito, marginalização e sofrimento de inúmeras pessoas que estão fora desta normatividade social (SILVA; DIONISIO, 2019). Não se negam os efeitos adversos da obesidade à saúde: hipertensão, diabetes mellitus, câncer, doenças cardiovasculares, baixa autoestima, depressão, tristeza, entre outros, mas é preciso prestar atenção às singularidades de cada pessoa (LÔBO *et al.*, 2020; WANDERLEY; FERREIRA, 2010). Muitas pessoas que têm conhecimento destes riscos à saúde sentem dificuldades para adotar um programa de emagrecimento e isto porque, segundo Mialhe e Pelicioni (2019), embora a informação seja essencial para a adoção de práticas promotoras de saúde, não há

uma relação direta entre saber e prática. Em uma sociedade onde o corpo obeso é extremamente criticado, é comum que as pessoas gordas se culpem individualmente e também sejam acusadas de não terem disciplina e força de vontade para mudar tal situação. Isto se dá porque o preconceito social contra os gordos anula a possibilidade de existência de outra estética corporal e este comportamento é profundamente gerador de sofrimento físico e psicológico (COUSS *et al.*, 2021). Um exemplo é o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), insatisfação exagerada com o corpo ou alguma parte dele, causa de frustração, vergonha e culpa (BONFIM; NASCIMENTO; BORGES, 2016). Todos esses sentimentos são profundamente comprometedores da saúde e da qualidade de vida. A imposição de padrões estéticos normativos às pessoas, atitude que recai especialmente sobre as mulheres, constituiu uma violência simbólica (BOURDIEU, 1989), pois sem que ocorram agressões ao corpo físico, produz profundo abalo moral e psicológico gerador de adoecimento.

CONCLUSÃO

O ser humano é constituído pelos valores sociais do seu tempo e lugar de vivência. Ninguém escapa das normas sociais do que é aceitável e não aceitável, do que é belo e do que é feio, do que é valorativo e do que é sem valor. Especificamente, no que diz respeito ao corpo esta é uma verdade inquestionável. Estar em desconformidade com os padrões estéticos de sua época é causa de inúmeros conflitos que atinge a todas as pessoas, mas vulnerabiliza algumas muito mais do que a outras. As mulheres, por exemplo, são muito mais cobradas em relação aos seus corpos do que os homens; e isto em qualquer idade. Na atualidade, ser gorda tem sido visto de forma cada vez mais crítica e sem desconsiderar os riscos que o excesso de peso causa à saúde, é imperativo pensar que a cultura da magreza, por sua vez, também é perniciososa. Que se busque cada vez mais promover saúde e qualidade de vida das pessoas por meio de dietas equilibradas, exercícios físicos regulares e outras ações salutares, é extremamente louvável, mas não se pode fazer um aprisionamento das pessoas, como se os ponteiros da balança fossem determinantes únicos da vida. As mulheres lutaram muito por libertação e conquista de direitos. Não podemos permitir que às amarras dos espartilhos, crinóletos, e outras peças modeladoras do passado cheguem ao século XXI regidas por discursos midiáticos reguladores. A busca da saúde deve ser o objetivo frequente de todos os indivíduos, mas a liberdade deve pautar essa busca. Ser belo é, acima de tudo, ser livre.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, F. M.; GONZÁLEZ, A. D.; SILVA, L. C. da; GARANHANI, M. L. Obesidade: possibilidades de existir e práticas de cuidado. *Saúde e Sociedade*. 2019; 28 (2), pp. 249–260.

BONFIM, G. W.; NASCIMENTO, I. P. C.; BORGES, N. B. Transtorno Dismórfico Corporal: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*. 2016, 9 (2).

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, J. G. R.; CONCON, M. M.; LIMA, A. P.; CALLEJAS, G. H.; MACEDO, A. D. C.; CÂNDIDO, E. C.; CHAIM, F. D. M.; UTRINI, M. P.; GESTIC, M. A.; RAMOS, A. C.; CAZZO, E.; CHAIM, E. A. Revisional surgery in severe nutritional complications after bariatric surgical procedures: report of four cases from a single institution and review of the literature. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*. 2021, 48.

BRAY, G. A. Obesity: historical development of scientific and cultural ideas. *International journal of obesity*. 1990, 14 (11), pp. 909–26.

BROWN, A.; FLINT, S. W.; BATTERHAM, R. L. Pervasiveness, impact and implications of weight stigma. *eClinicalMedicine*. 2022, 47, p. 101408.

COPETTI, A. V. S.; QUIROGA, C. V. A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes. *Revista de Psicologia da IMED*. 2018, 10 (2), p. 161.

COUSS, A.; BORBA, G. de M. P.; SILVA, L. M. P. da; SCOPEL, M. V. de M.; POLLI, G. M. Representações sociais do sobrepeso e da obesidade: revisão sistemática. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*. 2021, 41 (100), pp. 124–135.

DOURADO, C. D. S.; FUSTINONI, S. M.; SCHIRMER, J.; BRANDÃO-SOUZA, C. Body, culture and meaning. *Journal of Human Growth and Development*. 2018, 28 (2), p. 206.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GEBARA, T. S. e S.; POLLI, G. M.; ANTUNES, M. C. Representações Sociais da Obesidade e Magreza entre Pessoas com Obesidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2022, 38.

LE GOFF, J. O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval. Rio de Janeiro: [s. n.], 1985.

LIPOVETSKY, G. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. [S. l.: s. n.], 2000.

LÔBO, I. L. B.; MELLO, M. T. de; OLIVEIRA, J. R. V. de; CRUZ, M. P.; GUERREIRO, R. de C.; SILVA, A. Body image perception and satisfaction in university students. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. 2020, 22.

MACHADO, A. dos S.; LUZ, M. T. O cérebro midiático: imagens do corpo e da vida na cultura contemporânea. *Sociologias*. 2017, 19 (46), pp. 364–390.

MARCELJA, K. G. Gordura e Feminilidade: Apontamentos sobre Beleza e Inclusão na Cultura Contemporânea. 2016. Congresso Internacional Comunicação e Consumo [...]. São Paulo: [s. n.], 2016.

MARCHESINI, S. D.; ANTUNES, M. C. A percepção do corpo em pacientes bariátricos e a experiência do medo do ganho do peso. *Interação em Psicologia*. 2017, 21 (2).

MARCUZZO, M.; PICH, S.; DITTRICH, M. G. A construção da imagem corporal de sujeitos obesos e sua relação com os imperativos contemporâneos de embelezamento corporal. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 2012, 16 (43), pp. 943–956.

MEDEIRO, S. A.; FRANÇA, L. H. de F. P.; MENEZES, I. V. Motivos Psicossociais para Cirurgia Bariátrica em Adultos Jovens e mais Velhos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2021, 41.

MELO, M. E. de. It's time to stop thinking about obesity treatment as an anti-vaxxer. *Archives of Endocrinology and Metabolism*. 2021, 65 (5), pp. 523–524.

MIALHE, F. L.; PELICIONI, M. C. F. Abordagens por settings para a promoção da saúde: o movimento de cidades saudáveis e a iniciativa da escola promotora de saúde. *Educação e promoção da saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2019. p. 17–40.

MONTEIRO, A. C. Espelho, espelho meu...: Percepção corporal e categorização nosográfica no Transtorno dismórfico corporal. 2003. Fundação Oswaldo Cruz..

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (eds.). *História do Corpo. As mutações do olhar. O século XX*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. pp. 15–82.

OLIVEIRA, M. R. de; MACHADO, J. S. de A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2021, 26 (7), pp. 2663–2672.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Lecturas: Educación física y deportes*, no. 79, p. 3, 2004.

SAMPAIO, L. R. Avaliação nutricional. [S. l.]: EDUFBA, 2012.

SEIXAS, C. M.; BIRMAN, J. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 2012, 19 (1), pp. 13–26.

SILVA, J. M.; DIONISIO, G. H. Panorama sobre a obesidade: do viés cultural aos aspectos psíquicos. *Revista SBPH*. 2019, 22 (2).

SUDO, N.; LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2007, 12 (4), pp. 1033–1040.

VIANNA, M. V. O peso que não aparece na balança: sofrimento psíquico em uma sociedade obesogênica e lipofóbica. *Polêm!ca*. 2018, 18 (1), pp. 11–20.

- VIGARELLO, G. (eds.). História do Corpo. As mutações do olhar. O século XX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. p. 15–82.
- VIGARELLO, G.; PENCHEL, M. As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: [s. n.], 2012.
- WANDERLEY, E. N.; FERREIRA, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2010, 15 (1), pp. 185–194.
- WHO. Obesity : preventing and managing the global epidemic : report of a WHO consultation. [S. l.: s. n.], 2000. Disponível online em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/42330>.
- WHO. Obesity and overweight. 2021. Disponível online em <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>.
